



2535 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

PRINCÍPIOS DO CONCEITO DE CONSCIÊNCIA EM VIEIRA PINTO: POSSÍVEIS DIÁLOGOS COM A OBRA TEÓRICO-PEDAGÓGICA DE PAULO FREIRE

Cristian Cipriani - PPGEDU

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Temos por objetivo, neste trabalho, explorar, de modo introdutório, o conceito de consciência em Álvaro Vieira Pinto, bem como apontar aproximações com os escritos de Paulo Freire. Partindo de uma pesquisa teórico-bibliográfica, examinamos as principais obras do corpus filosófico de Vieira Pinto, priorizando os dois tomos da obra *Consciência e Realidade Nacional* (1960 [I]; 1961 [II]). No concernente aos escritos freireanos, priorizamos, para a aproximação com os textos alvarianos, “Educação e Atualidade Brasileira” (1959) e “Educação como prática de liberdade” (1967). A partir das discussões de consciência, consciência crítica e consciência ingênua, percebemos a influência direta do “desconhecido” Álvaro Vieira Pinto sob os escritos teóricos pedagógicos de Paulo Freire.

Palavras-chave: Álvaro Vieira Pinto. Paulo Freire. Consciência. Consciência Crítica. Consciência Ingênua.

PRINCÍPIOS DO CONCEITO DE CONSCIÊNCIA EM VIEIRA PINTO: POSSÍVEIS DIÁLOGOS COM A OBRA TEÓRICO-PEDAGÓGICA DE PAULO FREIRE

“É na forma do pensar político
que se dá a mais alta possibilidade
de exercício para a consciência crítica.”
Álvaro Vieira Pinto

INTRODUÇÃO

Quando começamos a estudar com mais afinco Álvaro Vieira Pinto, no prelúdio da década de 2010, nos deparamos com conceitos próximos aos apresentados por Paulo Freire em sua tese, “Educação e Atualidade Brasileira” (2001 [1959]), assim como na cinquentenária obra “Educação como prática de liberdade” (2014 [1967]). Surpresa a parte, fomos percebendo, aos poucos, como “o desconhecido” Álvaro Vieira Pinto foi um pensador importante e atuante no efervescente cenário intelectual brasileiro das décadas de cinquenta e sessenta, não só por sua atuação no ISEB, mas, e primordialmente, pela “metabolização à brasileira” dos princípios em face da latinidade e dos oprimidos, do existencialismo francês, do marxismo, da fenomenologia de Husserl e Heidegger, tal como pelos complexos e atuais escritos sobre tecnologia. Todavia, uma pergunta ficou suspensa em nossas reflexões: “Por qual motivo esse importante filósofo e cientista foi esquecido pelas pesquisas das ciências humanas nas décadas de 70, 80 e 90?”

Procurando acalmar tal inquietação, recorremos aos escritos de Norma Côrtes, intitulados: “Esperança e Democracia: As ideias de Álvaro Vieira Pinto” (2003) – uma das primeiras obras, desde Jorge Roux (1990) e Marcos Cezar de Freitas (1998), a retomar o pensamento alvariano. Para a autora, o que aconteceu com o pensamento de Vieira Pinto foi uma sumária amnésia por parte dos centros intelectuais hegemônicos brasileiros[1], iniciada pela adoção do estruturalismo francês, pela instauração do paradigma interpretativo, assim como pela repulsa a razão dualista dialética, somados a um misto de desprezo e aversão pela herança intelectual que as ideias alvarianas poderiam ter legado às novas gerações de pensadores sociais e políticos. Em outras palavras, “[...] foi porque adotaram a abordagem estruturalista, ignorando a especificidade temporal e histórica, que não puderam enxergar a positividade ontológica da nacionalidade e nem identificar qualquer ator social capaz de expressar os interesses locais e valores nacionais, crença propagada pela geração de Álvaro Vieira Pinto. (CÔRTEZ, 2003, p.29).

Conforme lembra Côrtes (2003), o êxito social que tal elite alcançou é ainda mais notável do que a frequência com que são referidos. Encontrada na maioria dos livros didáticos sobre nossa experiência civilizatória, suas ideias tornaram-se uma estirpe de narrativa oficial da sociedade brasileira que, conjugadas ao famoso estado da arte, em seu “genial” esforço acadêmico de compilação, contribuiu para o esquecimento dos autores “rejeitados” pela elite acadêmica vigente. Ou seja, o pensamento de Álvaro Vieira Pinto, por diversos motivos, acabou subjugado a uma espécie de limbo intelectual, voltando à tona, por uma iniciativa contra-hegemônica, a partir de meandros dos anos 2000[2].

Porém, se foi esquecido por uns, por outros foi amplamente lembrado, mesmo quando esteve exilado. Aliás, Paulo Freire[3] - um dos maiores educadores do mundo, se não o maior – pinça pontos fecundos da teoria alvariana, retomando, alargando e aplicando “pedagogicamente” os princípios filosóficos, tais como o de consciência e o de liberdade, desenvolvidos por Vieira Pinto para pensar o desenvolvimento nacional, em prol da Educação popular. Corroborando com as ideias supramencionadas, José Ernesto de Faveri acredita que Quando se pensa na educação no pensamento de Paulo Freire, temos, obrigatoriamente, de pensar no que vem antes: a educação segundo AVP. E, decididamente, não é o pedagogo Paulo Freire quem influencia AVP quando pensa a questão educacional, mas AVP influência, inclusive pedagogicamente, Paulo Freire. (FAVERI, 2014, p.222)[4].

Nessa seara, para além do objetivo central de explorar o conceito de consciência do filósofo brasileiro^[5], o que pretendemos nestas breves linhas é apontar, de maneira introdutória, as contribuições de Álvaro Vieira Pinto a Paulo Freire, especialmente no que diz respeito à constituição do conceito de consciência nos escritos freireanos. Sem o intuito de esgotar o assunto, devido a sua amplitude, passamos ao próximo tópico.

Consciência e Realidade Nacional: Fundamentos da consciência em Vieira Pinto^[6]

“Consciência e Realidade Nacional” é uma das mais importantes obras do pensamento de Álvaro Vieira Pinto. Escrita nos últimos anos da década de 1950, as mais de mil páginas de seus dois volumes foram publicadas pelo Ministério da Educação e Cultura em conjunto com o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) no ano de 1960. Em consonância com Cortez (2003), tais escritos foram considerados como a verdadeira suma do pensamento isebiano, chegando a ser nomeada como a obra clássica do desenvolvimento dos anos 50, comparada, pelos mais entusiasmados, ao famoso mocho de Minerva em Hegel. Contudo, o que nos interessa nesses dois tomos é o esforço de Vieira Pinto na construção do conceito de consciência e suas consequências à noção de liberdade. A compreensão de Álvaro Vieira Pinto sobre estes conceitos havia sido principiada em 1956, em sua obra “Ideologia e Desenvolvimento Nacional”, e perpassa obras posteriores, como “Ciência e Existência” (1969) e “Sete Lições da Educação sobre Jovens e Adultos” (1987) e expandida nos dois tomos de “O Conceito de Tecnologia” (2005) — concepções estas que se tornaram alicerce de obras de outros pensadores, sendo um dos mais notáveis, o educador Paulo Freire.

Para Álvaro Vieira Pinto (1960 [I]; 1961 [II]), tratar a questão da consciência é tratar dos acontecimentos objetivos da realidade. Porém, não se trata de uma concepção estática ou mecânica e sim, dialética: a relação entre consciência e realidade objetiva visa indicar que é possível (e necessário) aprimorar o pensamento, buscando a aceleração das transformações sociais em curso e à libertação do ser nacional. Nesse sentido, cunhar a temática da consciência não é uma escolha apenas de caráter acadêmico, mas, sobretudo, segundo o filósofo, é uma opção de refletir sobre a própria situação existencial. Para tal, é essencial a tomada de posição frente as circunstâncias que nos envolvem enquanto seres humanos. (VIEIRA PINTO, 1960 [I]). Posicionar-se, nessa lógica, significa optar entre dois modelos de consciência que superaram, por vias do desenvolvimento histórico, político e material, a *inconsciência*, ou melhor, a fase intransitiva da consciência - aquele modo de consciência típica do ente que precisa preocupar-se primeiramente em suprir as necessidades biológicas.

Vencendo o primeiro desafio, emerge no “cenário” nacional e latino-americano, de acordo com Vieira Pinto, dois modelos antagônicos de consciência, a saber: a) Consciência Inautêntica, *sui generis* da classe dominante, já não mais condizente com a realidade e; b) Consciência Autêntica, ainda emergente, entretanto, aquela ligada diretamente com a existência, recorrentemente vinculada aos trabalhadores e trabalhadoras que transformam e conhecem diretamente a realidade em que vivem. Nas palavras do autor:

Vivemos um período em que diferentes configurações de idéias, representando cada qual um modo de compreensão da realidade, combatem pelo direito de serem reconhecidas como legítimas e de assumirem a direção política do processo nacional. As velhas representações têm tudo a seu favor, o prestígio intelectual, a tradição de comando, os hábitos gerais, a linguagem adequada, exceto a verdade, pois as idéias que exprimem não correspondem mais à lógica dos fatos; a nova consciência nasce do acordo com a realidade em emergência, mas, estando em começo, sofre natural dificuldade em competir com a outra. No entanto, possui os conceitos que exprimem a verdade dos aspectos originais da realidade, e pode incentivar o desdobramento das condições seguintes. (VIEIRA PINTO, 1960 [I], p.12).

Ainda no que diz respeito à consciência, o autor entende que em um “[...] caso como noutro a consciência [Autêntica e Inautêntica] é sempre um conjunto de representações, idéias, conceitos, organizados em estruturas suficientemente caracterizadas para se distinguirem tipos ou modalidades”. (VIEIRA PINTO, 1960 [I], p.23). Sendo assim, parece-nos que a diferença qualitativa que contrasta os dois modos de consciência - possibilitando a classificação de autêntica e inautêntica - está em sua relação direta e comprometida. No caso da primeira: com as massas oprimidas da periferia mundial; enquanto o modo inautêntico procura por distintas maneiras de alienação e subordinação, manter a ordem social vigente. São esses os alicerces que trazem à tona a diferenciação qualitativa, mais tarde aplicada por Vieira Pinto (1960 [I]; 1969; 1987) de consciência ingênua e consciência crítica, que posteriormente servirá o arcabouço teórico e pedagógico de Paulo Freire^[7].

Ademais, esse paradoxo típico das consciências supramencionadas carrega em seu bojo a problemática do subdesenvolvimento^[8]. De acordo com Álvaro Vieira Pinto (1956), a consciência ingênua, própria da elite dominante, intenta, por vias de ideias importadas, assim como por comparações simétricas entre as realidades dos ditos países desenvolvidos com os subdesenvolvidos, encontrar as razões para o atraso nacional. Para o autor, o que provocou o atrasado no desenvolvimento foi a falta de tomada de consciência sobre nossa realidade por parte dos intelectuais e especialistas, que se privaram da visão história e envolveram-se em confusões retóricas. O abandono das formas corretas de leitura da existência acarreta em uma visão deturpada de inferioridade colonial, bem como de incapacidade do país subdesenvolvido, por conseguinte, de suas massas oprimidas, de alterar a situação de submissão e dependência em relação aos países desenvolvidos e sua classe hegemônica. (DIAS, 2004). Consonante com Vieira Pinto,

Na sociedade subdesenvolvida os problemas comuns são os que aparecem como tais à reflexão de uma minoria intelectual; são, por isso, sutis e muitas vezes imaginários ou apenas acadêmicos, expressos em forma romântica. Quando se expande a força das massas, com o avanço do desenvolvimento econômico, os problemas tendem a tornar-se cada vez mais “grosseiros”, ou seja, são as condições elementares da existência, o que constitui objeto da exigência social. (VIEIRA PINTO, 1960 [I], p.41).

Diante disso, evidencia-se que o projeto de emancipação, isto é, de libertação, é conjugado, nos pensamentos de Vieira Pinto, com a questão do desenvolvimento econômico nacional, conectado com a consciência crítica, própria das massas e dos pensadores que “pensam o Brasil a partir do Brasil”. Essa intersecção fica explícita no decorrer de suas obras, servindo de base para Freire na sistematização de: “Educação e Atualidade Brasileira” (2001) e “Educação como prática de Liberdade” (2014). Em última instância, a consciência crítica só é possível por vias do desenvolvimento nacional principiado pelas massas oprimidas na sua relação direta (por intermédio do trabalho) com a realidade. Trocando em miúdos, as massas, no pensamento alvariano, por vias do processo de desenvolvimento – que inclui relações trabalhistas, econômicas, políticas e educacionais^[9] -, viabilizarão a substituição da consciência ingênua à crítica, superando o estado de subdesenvolvimento, bem como sua consequente opressão nacional e social.

Procurando elucidar melhor as concepções de consciência, especialmente em função dos objetivos deste texto, passamos, nos próximos subtópicos, discutir e dissertar sobre os modos de consciências desenvolvidos por AVP no decorrer de seu *corpus* filosófico, que de certa maneira, já apresentamos superficialmente.

As modalidades da Consciência

De acordo com o que mencionamos anteriormente, Álvaro Vieira Pinto, na obra “Consciência e Realidade Nacional” (1960 [I]; 1961 [II]), sistematiza duas modalidades de consciência, que inicialmente aparecem sob o nome de consciência autêntica e inautêntica, mas seguem posteriormente sobre os nomes de: a) Consciência Ingênua e; b) Consciência Crítica. Segundo Vieira Pinto (1960 [I]), essa caracterização emerge da infinidade de pontos de vistas individuais possíveis sobre o mesmo real, mas, precisamente em razão dos supostos que todos – pontos de vista - têm, acabam reduzindo-se em dois grupos extremos e contrastantes, que em si, apresentam formas de esclarecimento mais elevados ou mais rasos.

Diante disso, por consciência ingênua, Álvaro Vieira Pinto (1960 [I]) compreende o estilo de consciência que reflete apenas sobre o mundo de suas ideias, investiga-o, mas não inclui entre essas ideias a representação dos fatores objetivos de que elas dependem, chegando negar enfaticamente tal dependência. A fim de ilustrar essa assertiva da modalidade supra posta, Vieira Pinto delinea que,

A consciência ingênua é aquela que [...] não inclui em sua representação da realidade exterior e de si mesma a compreensão das condições e determinantes que a fazem pensar tal como pensa. Não inclui a referência ao mundo objetivo como seu determinante fundamental. Por isso julga-se um ponto de partida absoluta, uma origem incondicional, acredita que suas ideias vêm dela mesma, não provêm da realidade, ou seja, que têm origem em ideias anteriores. Assim, as ideias se originam das ideias. A realidade é apenas recebida ou enquadrada em um sistema de ideias que se cria por si mesmo. (VIEIRA PINTO, 1987, p.59-60).

Assim, em nosso entender, a consciência ingênua abandona o pensamento histórico e o dado objetivo, material, voltando-se unicamente para abstrações sem sentido ao/no real. Demais a mais, as preposições expostas pela consciência ingênua não conseguem “por o problema de verdade”, isto é, “as preposições oriundas do pensar ingênuo não são nem verdadeiras nem falsas, mas, justamente ingênuas” (VIEIRA PINTO, 1960 [I], p.22). Apesar disso, AVP (1987) chama atenção sobre a intencionalidade da elite dominante em manter seu estilo de pensamento, sua forma ingênua e dogmática de pensar, visto que consegue, dessa maneira, mais facilmente manter a ordem vigente, assim como fanatizar o pensamento das massas oprimidas, impossibilitando-as de chegar a criticidade. Para isso, instala aparelhos, tal como a escola ingênua, replicadores de sua lógica dominante.

Sem perder de vista o que foi ulteriormente posto, passamos, dessa forma, ao segundo modo de consciência teorizada por Vieira Pinto. Por consciência crítica, Álvaro Vieira Pinto (1960 [I]) apreende aquele tipo de consciência que conhece a existência do imperioso condicionamento das ideias que possui, buscando relacioná-las aos seus suportes reais, sem deixar de organizar logicamente o seu entendimento, não excluindo, no entanto, a referência obrigatória a um fundamento objetivo. A consciência crítica, portanto, não só saberá que é a única autêntica, mas também terá a compreensão do sistema de conceitos que a constituem em sua veracidade, e que ditarão, em últimas circunstâncias, a prática eficaz à existência. (VIEIRA PINTO, 1960 [I]). Dizendo em outras palavras,

A consciência crítica é a representação mental do mundo exterior e de si, acompanhada da clara percepção dos condicionamentos objetivos que a fazem ter tal representação. Inclui necessariamente a referência à objetividade como origem de seu modo de ser, o que implica compreender que o mundo objetivo é uma totalidade dentro da qual se encontra inserida. Refere-se a si mesma sempre necessariamente no espaço e no tempo em que vive. É, pois, por essência, histórica. Concebe-se segundo a categoria de processo, pois está ligada a um mundo objetivo que é um processo e reflete em si esta objetividade nas mesmas condições lógicas que definem um processo. (VIEIRA PINTO, 1987, p.60).

Não nos é estranho afirmar, ancorados em Álvaro Vieira Pinto, que, por essência, a consciência crítica é a que problematiza o mundo da existência, tal como é o modo que tem clara consciência dos fatores e das condições que a determinam. Ou seja, consciência crítica é a consciência das pessoas que alteram o mundo, histórica[10], por isso mesmo é consciência em processo, em devir. Aqui reside outro ponto nevrálgico da contribuição da teoria alvariana à pedagogia-filosófica de Paulo Freire, em especial na obra “Educação como prática de liberdade” (2014), quando o educador brasileiro aponta a característica da consciência ingênua como uma consciência simplista e a-histórica na interpretação dos problemas da existência. Por ser um processo de intersecção com a realidade, a consciência crítica não é possibilidade apenas dos “altos intelectuais”, mas sobretudo, contingência das massas populares (VIEIRA PINTO, 1960 [I]). Destarte, o que queremos afirmar é que “de qualquer ponto do espaço social é possível alcançar a consciência crítica da realidade”. (p.22).

Diante desse argumento, emerge outro ponto primordial da consciência crítica, a saber: mesmo a consciência dita inculta pela classe dominante, por não compartilhar da “cultura abastada”, pode ser crítica, bem como a consciência esclarecida pode ser ingênua. Consonante com Álvaro Vieira Pinto (1960 [I]), a consciência crítica, mesmo nos graus “incultos”, é sempre autêntica, visto que só se faz portadora de uma ideia crítica porque sabe ser levada a pensá-la pela condição em que se acha. Retornamos assim ao pressuposto anterior, isto é, consciência crítica é a consciência do ser que altera o mundo, do processo, da historicidade, do devir. Seguindo essa lógica, a consciência crítica, para Vieira Pinto (1987; 2005 [I]), pode e deve tornar-se esclarecida para alcançar mais rapidamente a emancipação. Este devir é tratado, na obra “O Conceito de Tecnologia” (2005 [I]), como consequência de políticas públicas que incentivam a ciência e a técnica nacional, aliados a educação crítica às massas. Assim sendo, Vieira Pinto parte de Karl Marx, entretanto, ultrapassa a lógica do alemão, visto que, para o brasileiro, a emancipação, como resultado da luta de classes, precisa antes acontecer pela formação da consciência social crítica, desenvolvida a partir da análise e compreensão da realidade existencial. (FAVERI, 2014). Não obstante, Freire (Cf. 2014, p.83) também encontra nesse princípio o *húmus* para suas ideias, especialmente ao propor, pelo Método Paulo Freire, as práticas dos círculos de cultura.

Perpassando Álvaro Vieira Pinto: Ideias de consciência e liberdade em Paulo Freire

Paulo Reglus Neves Freire é um pensador reconhecido no Brasil e no mundo. Suas obras são traduzidas para mais de vinte idiomas e sua filosofia educacional é largamente debatida e estudada pelos quatro cantos do globo terrestre. No entanto, mesmo com sua manifesta importância no tocante a uma educação libertadora e voltada para nossa faseologia, especialmente em terras brasileiras, o autor ainda é “mal lido”. Na tentativa de aprimorar a leitura não só de Álvaro Vieira Pinto, mas também de Paulo Freire, passamos agora, de maneira mais didática, a explorar a influência do primeiro sobre o segundo.

No que diz respeito a consciência, Paulo Freire concorda com o raciocínio alvariano, pois, também atribui a passagem da consciência intransitiva à transitiva ingênua ao desenvolvimento econômico e material, argumentando tal como o isebiano, que é só a partir desse momento que o ser humano deixa de preocupar-se com a emergência das formas mais básicas da vida biológica (alimento, segurança, etc) e passa a vislumbrar “novos horizontes”. Não é outra coisa que quer dizer Paulo Freire ao apontar que,

Na verdade, tem sido a industrialização que vem pondo o homem brasileiro em posição participante no nosso acontecer político. Isto é, posição que implica uma atitude ativa do povo em oposição àquela outra que o fazia simples espectador dos fatos a cujo desenrolar apenas comparecia, mas de que não participava. [...] Daí, também, a promoção do país de ser semicolonial, alienado ainda em várias manifestações de sua vida, em ser nacional, autêntico, estar intimamente ligada ao desenvolvimento econômico. (FREIRE, 2001, p. 29)

Na obra: "Educação como prática de liberdade" (2014), o autor parte das ideias expostas por AVP para discutir e apresentar seus conceitos de consciência. Essa concepção em Paulo Freire, tal como em Álvaro Vieira Pinto, também emerge do contato direto do ser com a realidade. Corroborando com nossas inferências, Freire, no texto "Conscientização" (1980), entende que "[...] ao nível espontâneo, o homem ao aproximar-se da realidade faz simplesmente a experiência da realidade na qual está e procura. Esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência". (FREIRE, 1980, p.25). Ainda, seguindo a conceituação alvariana, Paulo Freire (2014, p.138) aponta que consciência crítica é "a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações causais e circunstanciais. A consciência ingênua (pelo contrário) se crê superior aos fatos, dominando-os de fora, e por isso, se julga livre para entendê-los conforme melhor lhe agrada". Assim sendo, a tomada de consciência a partir da história e do dado material, citada pelo educador brasileiro, não só é ponto nevrálgico em Karl Marx, como é em Vieira Pinto. Para muitos estudiosos de Freire, Marx foi referência mais presente em seus escritos. Não estamos nem perto de objetar qualquer discurso quanto a isso, no entanto, essa "escolha exclusiva" por parte dos comentaristas freireanos, acaba anulando a contribuição de Álvaro Vieira Pinto e do existencialismo ao pensamento freireano e, conseqüentemente, obscurecendo a leitura completa de Paulo Freire. Ao retomarmos o pressuposto de Vieira Pinto de que a emancipação se faz por vias da "conscientização social" e dela depende a luta política contra a classe abastada, retornamos a Paulo Freire quando entende que o papel da educação que busca preparar para a libertação deve ser "para a decisão, para a responsabilidade social e política". (FREIRE, 2014, p.117). Com isso, não queremos desqualificar a importância da teoria marxista à pedagogia freireana, mas, queremos antes destacar a beleza e a inteligência da "amanualidade" de Paulo Freire sobre os conceitos de Marx e de Vieira Pinto, imprimindo na sua teoria educacional, percepções genuínas da existência latino-americana. Não obstante, a luta de classe, em última instância, clama pela luta da consciência crítica social e vice-versa.

Em vista disso, é importante expor, mesmo que rapidamente, as modalidades da consciência para Freire, procurando destacar como o autor avança na compreensão de consciência a partir do que propõe Vieira Pinto. Consonante com Freire (2001;2014), consciência transitivo crítica é consequência da transitivo ingênua, e não consciências, até certo ponto, opostas, conforme infere AVP. Não obstante, Freire retoma algo que ficou pouco desenvolvido na filosofia "alvariana", ou seja, a possibilidade da consciência transitar-se para fanatizada ao invés de transitar-se para crítica.

Quadro 1. Conceitos e suas equivalências entre AVP e Freire

Pensador Conceitos e suas equivalências

Álvaro Vieira Pinto	Consciência histórica- objetiva	Consciência Inconsciência	Consciência ingênua	Consciência Crítica	Consciência Libertadora
Paulo Freire	Consciência	Consciência transitiva	Consciência intransitiva	Consciência transitivo ingênua crítica	Consciência Fanática Conscientização

Fonte: Criado pelo autor (2018)

Nessa direção, fica evidente, para nós, que os conceitos de Paulo Freire, excetuando diferenças pontuais, são fundamentados também no desenvolvimento filosófico existencialista de Álvaro Vieira Pinto. Destacamos, com base em Faveri (2014), que a pedagogia freireana, principalmente nas obras "Educação e Atualidade Brasileira" (2001) e "Educação como prática de liberdade" (2014), assim como no projeto dos círculos de cultura, é uma "aplicação" da filosofia "alvariana". De mais a mais, arriscamos-nos a afirmar que, tanto para Vieira Pinto (2005 [1]) como para Freire (2001; 2014), a consciência de emancipação do país subjugado, bem como das massas oprimidas, perpassa pela Educação crítico-política e pelo incentivo governamental à técnica e à ciência local, direitos esses que, na conjuntura política atual, estão sendo ameaçados.

REFERÊNCIAS

CÔRTEZ, Norma. **Esperança e democracia: as ideias de Álvaro Vieira Pinto**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

DIAS, Silvano Severino. **Fundamentos da Teoria educacional em Vieira Pinto**. In: Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. 15. Setembro, 2004

FAVERI, José Ernesto. **Álvaro Vieira Pinto: Contribuições à educação libertadora de Paulo Freire**. São Paulo: LiberArs, 2014.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GONZATTO, Rodrigo Freese; MERKLE, Luis Ernesto. **Vida e obra de Álvaro Vieira Pinto: Um levantamento biobibliográfico**. In: Revista HISTEDBR On-line, Campinas, v.16, n.69. Setembro, 2016.

ROUX, Jorge. **Álvaro Vieira Pinto: nacionalismo e terceiro mundo**. São Paulo: Cortez, 1990.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ideologia e Desenvolvimento Nacional**. Rio de Janeiro: ISEB, 1956.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e Realidade Nacional. A consciência Ingênua**. Rio de Janeiro: ISEB, 1960 [I].

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e Realidade Nacional. A consciência Crítica**. Rio de Janeiro: ISEB, 1961 [II].

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e Existência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Sete lições sobre a educação de jovens e adultos**. São Paulo: Cortez, 1987

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O Conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [I].

[1] "O estudo bibliométrico de Manuel Palácios, *As Ciências Sociais no Brasil contemporâneo*, oferece um panorama da produção acadêmica dos anos 1990 e permite visualizar em gráficos os autores mais citados nas dissertações de mestrado, teses de doutoramento e indicados pelas ementas das disciplinas oferecidas nos cursos brasileiros de pós-graduação em Ciências Sociais. Ao apreciar o gráfico sobre a sociologia política, Palácios ressalta " a posição central ocupada por autores nitidamente identificados com a tradição da sociologia paulista: Octávio Ianni, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort e Francisco de Oliveira". (CÓRTEZ, 2003, p.32).

[2] Não obstante, especialmente em função dos seus ideais políticos e sociais, Álvaro Vieira Pinto foi largamente atacado pela grande mídia nacional da época - encabeçada pelo jornal O Globo. (Cf. GONZATTO; MERKLE, 2016).

[3] Paulo Freire cita diversas vezes Álvaro Vieira Pinto em seus trabalhos, assim como nomeia, em um momento da obra *Educação e Atualidade Brasileira* (2001), Vieira Pinto como seu mestre brasileiro. (Cf. FREIRE, 2001; 2013;2014).

[4] Nos escritos de Faveri (2014), assim como no corpo deste texto, a abreviação AVP quer significar: Álvaro Vieira Pinto.

[5] À vista disso, vale destacar o esforço interinstitucional (UTFPR, PUCRS, UNESC, UFRJ) do centro de Estudos sobre Álvaro Vieira Pinto para o (re)avivamento e discussão das obras do autor. Não obstante, é digno de nota o empenho conjunto do professor Luiz Ernesto Merkle e do professor Rodrigo Freese Gonzatto à tal realização. Para saber mais, sugerimos visitar: alvarovieirapinto.org.

[6] Cabe ressaltar que, mesmo sendo *Consciência e Realidade Nacional* a obra base, não ficaremos restrito a esses escritos para o desenvolvimento deste texto.

[7] Acredita-se geralmente que sou autor deste estranho vocábulo "conscientizac?ao" por ser este o conceito central de minhas ideias sobre a educac?ao. Na realidade, foi criado por uma equipe de professores do INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS BRASILEIROS por volta de 1964. Pode-se citar entre eles o filósofo Álvaro Pinto e o professor Guerreiro. Ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientizac?ao, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educac?ao, como prática da liberdade, e? um ato de conhecimento, uma aproximac?ao crítica da realidade. Desde ent?o, esta palavra forma parte de meu vocabulário (FREIRE, 1980, p.25)

[8] Em vista disso, parece-nos que, apesar das categorias da consciência serem comuns nas filosofias da existência, o que diferencia Vieira Pinto dos outros pensadores e pensadoras vinculadas à essa "corrente" filosófica, é o fato de que, o autor brasileiro, busca sua compreensão no contexto do desenvolvimento e da realidade nacional das nações subdesenvolvidas. Dentro da filosofia europeia, Ortega y Gasset é o autor que mais se aproxima de tal discussão.

[9] Sobre isso, sugerimos conferir: VIEIRA PINTO, Álvaro. *O Conceito de Tecnologia* [I]. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

[10] Paulo Freire (2001; 2014) caracteriza a consciência histórica, tal como encontramos em AVP, sob o desígnio de consciência transitiva.